

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL - NOTURNO**

**Vera Lúcia de Almeida Barbosa**

**O ALUNO ADULTO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E SUAS  
REFLEXÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DA SUA IDENTIDADE**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2018**

**Vera Lúcia de Almeida Barbosa**

**O ALUNO ADULTO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E SUAS  
REFLEXÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DA SUA IDENTIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Especial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciada em Educação Especial**.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tatiane Negrini**

Santa Maria, RS,  
2018

**Vera Lúcia de Almeida Barbosa**

**O ALUNO ADULTO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E SUAS  
REFLEXÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DA SUA IDENTIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Especial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciada em Educação Especial**.

**Aprovada em 11 de dezembro de 2018:**

---

**Tatiane Negrini, Dra. (UFSM)**  
(Presidente/orientador)

---

**Nara Joyce Wellausen Vieira, Dra. (UFSM)**

---

**Leandra Costa da Costa, Dra. (UFSM)**

---

**Glaucimara Pires Oliveira, Dra. (UFSM)**  
(Suplente)

Santa Maria, RS,  
2018

## RESUMO

### O ALUNO ADULTO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E SUAS REFLEXÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DA SUA IDENTIDADE

AUTORA: Vera Lúcia de Almeida Barbosa  
ORIENTADORA: Tatiane Negrini

A presente pesquisa é resultante de um Trabalho de conclusão do curso de Educação Especial Noturno vinculado ao centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Dentro das Altas Habilidades/Superdotação o que me inquietou foi saber de que forma a pessoa adulta constrói sua identidade enquanto pessoa com Altas Habilidade/Superdotação. O objetivo deste trabalho constituiu-se em compreender como ocorreu o processo de construção da identidade da pessoa adulta com altas habilidades/superdotação após sua identificação. Os teóricos que subsidiaram o estudo na área de AH/SD foram Gardner (1994) e Renzulli (2014), o conceito de identidade foi referenciado por Pérez (2003) e Paludo (2014). Para atingir o objetivo foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa por meio de um estudo de caso. A técnica de coleta de dados foi baseada em entrevistas semiestruturadas. Foram convidadas duas pessoas adultas, previamente identificadas com altas Altas Habilidade/Superdotação. Os dados foram analisados de forma descritiva e por meio da análise da narrativa considerando a teoria que embasou a pesquisa. A descrição dos dados da análise possibilitou referendar os argumentos apresentados. Foi realizada a análise por categorias temáticas que permitiram concluir que o aluno com AH/SD precisa de atendimento especializado, assim como, falta literatura sobre o assunto que dê o suporte necessário para que a sua identidade de PAH/SD não seja um problema, mas, sim, uma percepção concreta de si mesmo.

Palavras-chave: Educação Especial. Altas Habilidades/Superdotação. Identidade. Adulto.

## **ABSTRACT**

### **THE ADULT STUDENT WITH HIGH ABILITIES/GIFTEDNESS AND HIS REFLECTIONS ON THE CONSTRUCTION OF HIS IDENTITY**

AUTHOR: Vera Lúcia de Almeida Barbosa

ADVISOR: Tatiane Negrini

The present research is the result of a conclusion work of the Special Education course-night shift linked to the Education Center of the Federal University of Santa Maria (UFSM). Within the High Abilities/Giftedness, what intrigued me was knowing how the adult person builds his identity as a person with High Ability/Giftedness. The goal of this work was to understand how does the process of constructing the identity of the adult person with High Abilities/Giftedness after identification took place. The theorists who supported the study in HA/G area were Gardner (1994) and Renzulli (2014), the concept of identity was referenced by Pérez (2003) and Paludo (2014). To reach the goal a qualitative research was developed through a case study method. The technique of data collection was based on semi-structured interviews. We invited two adults, previously identified with High Abilities/Giftedness. The data were analyzed in a descriptive way and through narrative analysis considering the theory behind the research. The description of the analysis data made it possible to support the arguments presented. A thematic categories analysis was carried out, which allowed the conclusion that the student with HA/G needs specialized assistance as well as lacking literature on the subject that gives the necessary support so that his identity as HAP/G person is not a problem but a concrete perception from himself.

Key words: Special Education. High Abilities/Giftedness. Identity Adult

## LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	39
APÊNDICE B- ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....	41
APÊNDICE C-TERMO DE CONFIDENCIALIDADE .....	43

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelo dos Três Anéis .....	14
--	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 JUSTIFICATIVA</b> .....	10
<b>3 PROBLEMA DE PESQUISA</b> .....	11
<b>4 OBJETIVOS</b> .....	11
4.1 OBJETIVO GERAL .....	12
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	12
<b>5 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	12
5.1 ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO .....	12
5.2 IDENTIDADE DA PESSOA ADULTA COM ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO (PAH/SD).....	16
<b>5.2.1 Políticas públicas atuais que respaldam a inclusão escolar no Ensino Superior</b> .....	18
<b>6 METODOLOGIA</b> .....	21
6.1 DESENHO DO ESTUDO .....	22
6.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO .....	23
6.3 ANÁLISE DOS DADOS .....	23
6.4 ASPECTOS ÉTICOS.....	23
<b>7 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	24
7.1 CONHECIMENTO SOBRE AS CARACTERÍSTICAS E O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DAS AH/SD.....	25
7.2 EFEITOS DECORRENTES DO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO.....	27
7.3 ENVOLVIMENTO SOCIAL (FAMILIA) E ACADÊMICO COM A NOVA IDENTIDADE .....	29
7.4 COMO LIDAR COM O MITO E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DA PESSOA COM AH/SD .....	31
7.5 PROJETOS E ATIVIDADES EXTRACURRICULARES VINCULADAS À ÁREA DE INTERESSE .....	34
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	36
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38
<b>APÊNDICES</b> .....	41
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO TCLE</b> .	42
<b>APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b> .....	44
<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE</b> .....	46

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a questão da construção da identidade do aluno adulto com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD); como ele se vê diante dos outros, como se sente acerca da sua condição de pessoa com altas habilidades/superdotação (PAH/SD).

Como acadêmica do curso de Educação Especial - Noturno, o que me motivou a realizar esta pesquisa na área de AH/SD tendo em vista que o curso oferta outras áreas temáticas, foi a experiência que tive como bolsista FIPE no Projeto de Identificação de Indicadores de AH/SD na UFSM. Este projeto iniciou em 2012, sob a coordenação da Professora Nara Joyce W. Vieira do Departamento de Educação Especial, com intuito de verificar quem são os estudantes com indicadores AH/SD matriculados nesta instituição e a partir disso, averiguar quais são as necessidades educacionais que estes sujeitos apresentavam no decorrer de sua vida acadêmica.

Dentro desta área o que me inquietou foi querer conhecer mais sobre a identidade da pessoa adulta com AH/SD; de que forma a pessoa adulta já identificada constrói a sua identidade; cabe salientar que durante o trabalho a terminologia “superdotado” poderá ser usada para referir-se ao aluno com AH/SD mencionado nas políticas do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Segundo Bulhões (2016, p. 19-20),

O estudo científico sobre as AH/SD justifica-se por duas principais razões: uma devido à crescente, porém ainda insuficiente quantidade de pesquisas, especialmente no Brasil acerca desta importante temática, destaca-se portanto uma desproporção entre a demanda real por conhecimentos na área, necessários a prática docente para o atendimento aos estudantes com AH/SD, e a escassa quantidade de subsídios teóricos encontrados na literatura acadêmico-científica. [...] Para tanto, a fim de identificar e atender as necessidades especiais do estudante com AH/SD, de forma mais efetiva se faz necessário uma melhor compreensão dos aspectos que permeiam a construção da sua identidade. Evidentemente não há como generalizar e afirmar a existência de uma identidade comum a todos os sujeitos com AH/SD, uma vez que todos os indivíduos são únicos e as identidades plurais.

Nesse sentido buscou-se nessa pesquisa relatar a importância da valorização da identidade do sujeito após sua identificação, para a sua aceitação em conformidade com o senso comum, ficando evidente a relevante importância de um ambiente carregado de estímulos com o propósito maior de levar à PAH/SD uma maior dinamização social e comportamental, potencializando assim as suas habilidades.

## 2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho teve como temática a identidade dos alunos com Altas Habilidades/ Superdotação, identificar o comportamento social e interativo dos alunos com AH/SD trazendo contribuições e revelando o perfil próprio da PAH/SD.

O maior desafio é conhecer cada um como realmente é, saber o que é capaz de fazer e como se sente acerca do entendimento das pessoas sobre a sua condição de PAH/SD, suas capacidades e interesses.

O presente trabalho pretende de maneira simples, porém objetiva mostrar a construção de identidade baseada no conceito de Pérez (2003) e Paludo (2014) e tendo como referência na área das AH/SD Renzulli (2014) e Gardner (1994), provocando uma reflexão nos acadêmicos e também na sociedade de um modo geral.

Paludo (2014, p. 43-44) destaca que:

Identidade é um constructo complexo, muito discutido, mas antes de se ter certeza na conceituação deste, tem-se uma grande dificuldade teórica, uma vez que, a literatura frequentemente emprega os constructos self, personalidade, entre outros como sinônimos.

É notória a dificuldade em encontrar na literatura uma só definição de identidade, dentre tantos conceitos existentes; a formação da identidade de um indivíduo se dá ao longo de sua vida e para a PAH/SD essa construção é complexa devido a imagem que se tem desse sujeito pois a sociedade acredita em alguns mitos e crenças tais como pessoas que são boas em tudo, narcisistas e até egoístas.

Segundo Pérez (2003, p. 47),

Juntamente com a dificuldade de aceitar a diversidade e entender a singularidade como um direito individual, os mitos e crenças que pairam sobre as PAHs são responsáveis pela sua transparência, seja nas políticas públicas e no discurso oficial; na escassez de publicações, especialmente em português, e na precariedade ou inexistência de serviços para esta população.

Sendo assim, podemos entender que vários são os aspectos que dificultam a formação da identidade de uma PAH/SD, muito embora seja compreensível que alguns mitos criados pela sociedade, são gerados pela total falta de conhecimento e preconceito exagerados, sem nenhum conhecimento de causa.

Segundo Alencar e Fleith (2001, p. 52),

Conceituar um aluno superdotado não é uma tarefa simples, pois suas habilidades podem ser complexas e múltiplas. Superdotação trata-se de um conceito ou constructo psicológico a ser inferido a partir de uma constelação de traços ou características de uma pessoa.

Portanto, existem variados julgamentos, um conhecimento empírico que prejudica ou não o potencial da pessoa com PAH/SD e o adulto com esse perfil é pouco pesquisado no cenário brasileiro, sendo de grande relevância, o estudo sobre a educação de adultos com AH/SD nas particularidades destinadas a esse sujeito.

Segundo Lazaro 1981(apud SOUZA, 2013, p. 25),

Tanto a negação da superdotação por parte dos adultos quanto à exibição das suas habilidades são prejudiciais e tenderão a criar problemas na área emocional e social. É tão perigoso exigir desempenho excessivo de um superdotado quanto subestimar sua capacidade. O filho superdotado poderá ser um obstáculo à autoimagem dos seus pais, podendo acarretar comportamentos inadequados de ambas as partes. Alguns superdotados passam por dificuldades na interação social. Muitas vezes procuram a companhia de pessoas mais maduras, na tentativa de encontrar parceiros com o mesmo nível intelectual ou o mesmo tipo de interesses. O medo de não ser aceito, especialmente na adolescência, pode levá-lo à ansiedade e a um maior envolvimento com atividades individuais.

Desta forma, é importante que o adulto construa sua identidade de PAH/SD de forma sadia, pois este já tem sua história de vida em construção, com influências históricas, culturais e sociais, diferente da criança que ainda está construindo a sua história de vida.

### **3 PROBLEMA DE PESQUISA**

Como se reconhece o sujeito identificado com altas habilidades/superdotação acerca da sua identidade e como isso pode influenciar na sua vida social e acadêmica?

### **4 OBJETIVOS**

Para atender a questão de pesquisa o objetivo geral e específicos passam a ser apresentados.

#### 4.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste estudo é compreender como ocorreu o processo de construção da identidade da pessoa adulta com altas habilidades/superdotação após sua identificação.

#### 4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) descrever como ocorreu o processo de identificação das altas habilidades/superdotação;
- b) entender como a pessoa identificada com altas habilidades/superdotação reagiu frente ao processo;
- c) identificar os efeitos decorrentes da construção da identidade da pessoa com altas habilidades/superdotação;
- d) conhecer as mudanças ocorridas na sua vida social e acadêmica, após a identificação das altas habilidades/superdotação.

### 5 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo são apresentadas as principais teorias encontradas na literatura acerca do tema de estudo, com o objetivo de fundamentar um marco teórico conciso que sirva de base para pesquisa de campo.

#### 5.1 ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Segundo a Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008, p. 15), os alunos com AH/SD são aqueles que:

Demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.

As PAH/SD apresentam características diferentes e comportamentos únicos, embora tenham um perfil geral, elas têm suas condições econômicas, sociais e culturais que as tornam únicas.

Quando o assunto AH/SD é abordado é importante que seja elencado um conceito sobre isso. Dentre outros existentes para este trabalho de conclusão de curso utilizei o conceito de superdotação proposto por Renzulli (2004) que divide as habilidades superiores em duas amplas categorias distintas: a superdotação escolar ou acadêmica onde o sujeito se destaca na esfera acadêmica e a superdotação produtivo-criativo, que é descrita como gerador de novas ideias.

Para Alencar e Fleith (2001, p. 13) é relevante enfatizar que: “[...] ambos os tipos são importantes; usualmente há interação entre os dois tipos; e programas especiais deveriam encorajar ambos os tipos de superdotação, bem como promover numerosas ocasiões de interação entre eles”. Sendo assim, é necessário que sejam criados programas de enriquecimento para ampliar e incentivar as PAH/SD nas mais variadas áreas de inteligências.

Um dos marcos da teoria de Renzulli (2014, p. 233) foi o desenvolvimento da Concepção de Superdotação no Modelo dos Três Anéis:

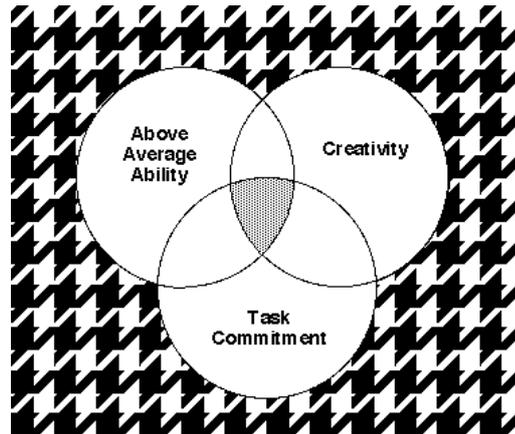
A concepção da superdotação no Modelo dos Três Anéis é a teoria que tenta mostrar as principais dimensões do potencial humano, para a criatividade produtiva. O nome é derivado do marco conceitual da teoria basicamente, três conjuntos de traços que interagem (habilidade acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade) e seu relacionamento com as áreas gerais e específicas do desempenho humano.

A concepção de superdotação para Renzulli (2014), segundo o modelo dos três anéis, apontam para os indivíduos que apresentam: capacidade acima da média, criatividade e comprometimento com a tarefa. Renzulli (2014, p. 237), explica que a capacidade acima da média “[...] é usada para descrever tanto as Habilidades gerais quanto as específicas. Acima da média deve também ser interpretado como o nível mais alto de potencial em qualquer área”.

Já o comprometimento com a tarefa para Renzulli (2014, p. 241), “[...] é uma forma refinada e concentrada de motivação...[...] representa a energia conduzida a um problema particular(tarefa) ou área específica de desempenho”. O autor ainda

descreve a perseverança, persistência, trabalho árduo, prática dedicada, autoconfiança, crença na própria habilidade de desenvolver um trabalho importante e ação aplicada à área de interesse como termos sinônimos do comprometimento com a tarefa. E a criatividade, onde a pessoa expressa o desempenho em realizações criativas (Figura 1).

Figura 1 – Modelo dos Três Anéis



Fonte: Renzulli (1986), p. 82

Renzulli (2004, p. 82) conclui que:

A superdotação é relativa ao tempo, às pessoas (não em todo o mundo) e às circunstâncias, isto é, os comportamentos superdotados têm lugar em determinadas pessoas, em determinados momentos e em determinadas circunstâncias (não em todo tempo).

Com base em Renzulli (2014), pode-se dizer que a superdotação emerge de forma individual em cada pessoa de forma relativa em diversos níveis ou intensidade. Comportamentos superdotados podem ser desenvolvidos em qualquer pessoa, mas não em todas elas.

Após definir a concepção de superdotação se faz importante elencar o conceito de inteligência ao qual adotarei o das inteligências múltiplas na perspectiva de Howard Gardner. Para Gardner (1994):

Existem evidências persuasivas para a existência de diversas competências intelectuais humana relativamente autônomas abreviadas daqui em diante como 'inteligências humanas'. Estas são as 'estruturas da mente' do meu título. A exata natureza e extensão de cada 'estrutura' individual não é até o momento satisfatoriamente determinada, nem o número preciso de inteligências foi estabelecido. Parece-me, porém, estar cada vez mais difícil negar a convicção de que há pelo menos algumas inteligências, que estas

são relativamente independentes umas das outras e que podem ser modeladas e combinadas numa multiplicidade de maneiras adaptativas por indivíduos e culturas (GARDNER, 1994, p. 7).

Desta forma, entende-se que cada pessoa pode ter um ou mais tipos de inteligência onde demonstrará um maior ou menor desempenho.

Gardner (1994) apresenta as oito inteligências: linguística, lógico-matemática, musical, corporal-cinestésica, espacial, interpessoal, intrapessoal e naturalista, as quais, na sequência, serão brevemente descritas.

O ser humano é dotado de inteligências múltiplas que incluem diferentes dimensões. A dimensão linguística é a capacidade de usar as palavras de forma correta, quer oralmente, quer escrevendo (GARDNER, 1994). Essa inteligência destaca-se por ser muito cobrada nas escolas, também por ser muito usada pelos poetas e escritores.

A inteligência lógico-matemática, ou seja, a capacidade de usar os números de forma efetiva e de racionar bem tem a competência de analisar problemas com lógica, metodologicamente.

Já a inteligência espacial é responsável pela capacidade de orientação no mundo físico e por realizar transformações sobre estas percepções (GARDNER, 1994). Muito usada por navegadores e pilotos para assegurar e manejar os paradigmas do espaço.

Na inteligência musical, Gardner (1994, p. 229) refere que “a inteligência musical é aquela que possibilita a compreensão, discriminação, percepção, expressão e transformação das formas musicais (ritmo, tom, melodia, timbre dos sons)”; desse modo essa inteligência é muito observada em músicos, poetas, ritmistas.

Inteligência corporal-cinestésica, para Gardner (2000, p. 57) “acarreta o potencial de se usar o corpo (como a mão ou a boca) para resolver problemas ou fabricar produtos”. Desta forma essa inteligência é muito utilizada não só por atletas, mas, também, por cirurgiões, cientistas, artesãos e todo profissional de formação técnica.

Já a inteligência interpessoal, para Gardner (2000, p. 57) “denota a capacidade de entender as intenções, as motivações e os desejos do próximo e conseqüentemente, de trabalhar de modo eficiente com terceiros”. O que significa dizer que trabalha em grupo, ajuda os outros e tende a resolver conflitos.

Na inteligência intrapessoal há a capacidade do autoconhecimento e, de ter um modelo individual de trabalho eficiente (GARDNER, 1994).

Para Gardner (2000, p. 64), na inteligência naturalista “um naturalista demonstra grande experiência no reconhecimento e na classificação de numerosas espécies da flora e da fauna e de seu meio ambiente”. É a pessoa que melhor realiza a classificação e ou categorização de espécies e organismos desconhecidos.

Essas oito inteligências são consideradas por Gardner (2000), como aquelas que melhor atendem aos oito critérios estabelecidos como básicos para que uma faculdade fosse denominada de "inteligência".

## 5.2 IDENTIDADE DA PESSOA ADULTA COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO (PAH/SD)

A identidade da PAH/SD é, por assim dizer, formada por contrapontos, pois alguns adultos podem não se entender como a PAH/SD, dificultando a construção desta identidade.

Para Pérez (2008, p.19):

Ficou constatada a quase-invisibilidade destes alunos na sala de aula, dentro de suas próprias famílias e, inclusive, para eles próprios. Constata-se que os indicadores de AH/SD nas pessoas que apresentam este comportamento são claros e podem ser facilmente identificados por profissionais preparados para isso, mas existem fatores que impedem o seu reconhecimento e atendimento na sala de aula ou em outros ambientes sociais ou laborais.

Conforme a autora, a PAH/SD é invisível aos olhos do mundo e ela própria não se reconhece com potencial elevado, mas com o devido acompanhamento e incentivo isso seria possível, auxiliando assim o seu desenvolvimento.

O adulto com AH/SD pode apresentar dificuldades na construção da sua identidade, pois na maioria das vezes ele não foi identificado precocemente como PAH/SD e, por isso, sua identidade poderá se construir de forma fragilizada, e por acreditar no que a sociedade impõe por meio dos mitos (PÉREZ, 2008).

É importante ressaltar que, durante sua trajetória de vida, alguns adultos com AH/SD podem encontrar desafios que impeçam ou atrasem o desenvolvimento de suas habilidades, o que poderá lhe trazer alguma divergência e, assim, dificultando-o

a enfrentar tais barreiras, conforme salienta Pérez (2008, p. 19):

No contexto individual, a pessoa, que geralmente percebe suas diferenças, enfrenta o conflito que se instala sempre relacionado às respostas do ambiente. Se os atores do ambiente no qual se encontra esta pessoa (a família, a escola, o trabalho) reconhecerem e valorizarem suas diferenças, promovendo respostas adequadas, o desenvolvimento e a manifestação das AH/SD podem estar garantidos e permitirão o fortalecimento dessa pessoa para enfrentar os desafios de uma sociedade normatizada e desenvolver uma identidade própria como PAH/SD.

A autora faz referência a importância do autoconhecimento, sendo este uma fonte protetora contra os conflitos advindos do meio em que vive. Sendo, também importante, o reconhecimento e valorização das diferenças da PAH/SD, para que ela se sinta fortalecida no desenvolvimento da sua identidade e avaliar como positiva as características que visualiza em si, tendo maior disposição em realizar atividades desafiadoras, por se considerar digno e competente (PALUDO, 2014).

Além disso, a família e o trabalho podem ser constituídas como redes de apoio, na construção saudável da identidade da PAH/SD.

Nesse contexto, Paludo (2014, p. 46) destaca que:

Infere-se sobre o processo de desenvolvimento da identidade como um fenômeno biopsicossocial, isto é, consideram-se os elementos biológico, psicológico e social como determinantes, não de maneira isolada, mas em uma inter-relação, na qual a resultante é o sujeito constituído, caracterizado e individualizado, que se expressa por sua identidade.

Fica evidente que a identidade da PAH/SD pode ser constituída a partir de alguns aspectos intrínsecos nesta pessoa, ou a partir do meio em que vive que poderão influenciar no constructo dessa identidade, da mesma forma que esse ambiente também poderá ser influenciado. Portanto as condições sociais em harmonia com o seu eu, produzirão cada ser (PALUDO, 2014).

Se a PAH/SD se sentir com autoestima, terá maior disposição para enfrentar os desafios a ela apresentados. Quanto ao processo de constituição da identidade Pérez (2016, p. 18) afirma que “o processo de evolução na construção da identidade da PAH/SD passa pelo menos por cinco etapas diferentes: negação, dúvida, desconcerto, aceitação e reconhecimento”.

É muito importante uma trajetória favorável da construção da identidade onde sabemos da importância da sociedade no reconhecimento e desenvolvimento dos potenciais, mas também não podemos esquecer dos fatores de personalidade do próprio sujeito.

### **5.2.1 Políticas públicas atuais que respaldam a inclusão escolar no Ensino Superior**

A atual Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais (BRASIL, 2008).

Nesse contexto, a Política incorpora importantes mudanças, especialmente, no que se refere à nomenclatura da integração para a inclusão; o público-alvo, agora composto por alunos com deficiência, Transtornos Globais do Desenvolvimento e Altas Habilidades/Superdotação; à ampliação do atendimento da Educação Especial da Educação Infantil até o Ensino Superior, antes limitado ao ensino básico e à oferta de atendimento educacional especializado (AEE) em todos os níveis e modalidades de ensino.

Foi promulgado no mesmo ano o Decreto Nº 6571/08, que vem reforçar a Política, destinando aos alunos com necessidades educacionais especiais o dobro dos recursos do FUNDEB repassados às escolas que ofereçam AEE, o qual foi substituído em 17 de novembro de 2011 pelo de Nº 7611/11, que “dispõe sobre a Educação Especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências” (BRASIL,2011), mantendo basicamente as mesmas disposições que o Decreto 6571/08, noque se refere às AH/SD, e o Parecer Nº 13 e a Resolução Nº 4 do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica instituem as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado, especificando como, quando, onde e quem o oferecerá (PÉREZ; FREITAS, 2016).

A Legislação Estadual através do Decreto 48.963, de 30 de março de 2012, institui a Política Estadual para as Pessoas com Deficiência e Pessoas com Altas Habilidades, e cita que:

[...]cabe ao Estado assegurar e garantir às pessoas com deficiência e pessoas com altas habilidades seus direitos de equiparação de oportunidades necessárias à afirmação da cidadania e à inclusão social; considerando a necessidade de instituir-se uma política pública integrada e inclusiva, voltada às pessoas com deficiência e pessoas com altas habilidades, com participação direta das mesmas; considerando a mudança de paradigma da Administração Pública Estadual, a partir de uma concepção alicerçada nos valores universais e humanistas da

cidadania e dos direitos humanos[...] (GOVERNO ESTADUAL-RS,2012).

Então, essa luta pela igualdade de direitos deve ser permanente tanto no ambiente escolar quanto no social, sendo que na escola o seu maior desafio é receber o aluno respeitando suas diferenças e seus interesses, acabando com qualquer tipo de preconceito.

Na perspectiva da educação inclusiva,

A educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nestes casos e outros, que implicam em transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos (BRASIL, 2007. p.9).

As Políticas Públicas, de um modo geral, são criadas para que sejam cumpridas, porém, cabe ao Estado dar condições para que cada instituição possa cumprir com seu dever e exercer o seu direito de educar com qualidade.

Desta forma, para Ferreira (2018, p.24):

A inclusão escolar deve buscar verdadeiramente uma educação de qualidade para todos e tem como objetivo maior reconhecer, acolher e respeitar as diferenças no ambiente escolar e possibilitar o acesso, a permanência e a aprendizagem de todos os alunos na escola, sendo necessário o rompimento com o pressuposto da integração, que preconizava o direito da pessoa com deficiência ao espaço comum da vida em sociedade, mas este não previa a mudança no ambiente escolar efetivamente para o trabalho com as diferenças.

Sendo assim, para que o ensino segundo a legislação seja extensivo a todos os educandos do território nacional são necessárias ações que busquem articular medidas cujos objetivos visem a inclusão de todos no sistema educacional.

A Lei 13234/15, de 29 de dezembro de 2015 altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), “para dispor sobre a identificação, o cadastramento e o atendimento, na educação básica e na educação superior, de alunos com altas habilidades/superdotação”. (BRASIL, 2015, s/p). Por meio desta lei, orienta-se que o poder municipal deverá formar um cadastro nacional de alunos com AH/SD matriculados na educação básica e superior, com a finalidade de estimular a aplicação de políticas públicas destinadas ao incremento efetivo das inteligências ou talentos desses sujeitos.

A identificação precoce de alunos com altas habilidades ou superdotação, os critérios e procedimentos para inclusão no cadastro referido no caput deste artigo, as entidades responsáveis pelo cadastramento, os mecanismos de acesso aos dados do cadastro e as políticas de desenvolvimento das potencialidades do alunado de que trata o caput serão definidos em regulamento (BRASIL, 2015, s/p).

São Leis que vêm para alavancar o processo de inclusão deste público, a PAH/SD, deixando de ser invisível e passando a fazer parte do contexto das pessoas que necessitam de atendimento especializado.

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a Coordenadoria de Ações Educacionais (CAED), constitui-se em um Órgão Executivo da Administração Superior, subordinado ao Gabinete do Reitor da UFSM, com o objetivo da realização de ações que estabelecem a inclusão na UFSM. No que concerne a PAH/SD, no Anexo da Resolução N. 030/2017, de 19/12/2017 diz que no Art. 2º das finalidades da CAED:

Contribuir efetivamente para a democratização do acesso a Instituição, primando pela inclusão social, racial e de pessoas com deficiência, surdez, Transtorno do Espectro do Autismo e Altas Habilidades/Superdotação, segundo normatização específica aprovada nos conselhos superiores da UFSM. (UFSM 2017, p. 2)

A UFSM, por meio da CAED, contribui para uma ação inclusiva, adaptando-se à demanda da sociedade e possibilitando, ao cidadão, o direito de ser inserido na comunidade escolar. E ainda discute na Resolução N. 030/2017:

Articular a promoção e empoderamento dos grupos étnico-raciais, pessoas com deficiência, surdez, Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), grupo homo afetivos, por meio da promoção de eventos, mostras culturais e educativas, dentre outras ações, como forma de afirmar a identidade étnico-racial, cultural e social (UFSM 2017, p.2).

Cabe a CAED o auxílio ao docente em geral, viabilizando a orientação do professor quanto a estratégia de acesso a eventos e ações educativas, realizadas pela UFSM, realçando a inclusão como forma de assegurar a sua singularidade.

A CAED atua por meio de Núcleos, sendo que:

O Núcleo de Acessibilidade, assegura o desenvolvimento por meio de estratégias, que garantam as pessoas seus direitos constitucionais à acessibilidade. [...] Foi criado no ano de 2007, afim de encaminhar as

demandas de acessibilidade; constituído pela Unidade Interdisciplinar de Tecnologias Assistivas e Comissão de Acessibilidade a qual é composta por representantes das Unidades Universitárias, dos órgãos Suplementares, Executivos e das Pró-Reitorias da UFSM. (UFSM, 2017)

A inclusão das AH/SD no ensino superior é uma questão desafiadora pois, é uma incógnita, no que se refere as outras especificidades atendidas pela universidade, a PAH/SD muitas vezes é considerada uma pessoa crítica, que busca a superação, mas da mesma forma busca a igualdade neste espaço.

Para Gama (2006, p.65) “a superdotação em adultos é composta por três fatores: precocidade ou talento, pensamento divergente (criativo e/ou crítico) e dedicação obstinada a determinadas tarefas”.

É importante observarmos as peculiaridades de cada sujeito respeitando sua singularidade para, obtermos o comprometimento e a satisfação em mostrar suas habilidades.

Pérez e Freitas (2016, p.281) consideram que:

É necessária uma educação para o futuro, que nos traga mais possibilidades de estimular o talento, alcançando soluções viáveis para tornar o mundo melhor, e que tenhamos em conta elementos mais positivos para aceitar, entender, conviver e contribuir para o desenvolvimento do potencial das PAH/SD.

Por isso torna-se extremamente importante ampliar as condições de atendimento as PAH/SD, estimulando o crescimento, desenvolvimento cognitivo e suas potencialidades.

## **6 METODOLOGIA**

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos empregados para a estruturação e desenvolvimento da pesquisa, bem como, as técnicas utilizadas para realização da coleta e análise dos dados, na qual se procurou estabelecer uma abordagem prática sobre como ocorreu o processo de construção da identidade da pessoa adulta com altas habilidades/superdotação após sua identificação.

## 6.1 DESENHO DO ESTUDO

Este trabalho de pesquisa se insere dentro de uma metodologia qualitativa, que visa entender um fenômeno em profundidade.

Para Minayo (1994, p.21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Neste contexto, cabe destacar que a pesquisa qualitativa possui características onde o entrevistado está livre para apresentar o seu ponto de vista sobre os assuntos enfocados, cujo propósito é entender sobre o que está sendo analisado ou estudado.

E, dentro desta abordagem qualitativa, foi adotado o método de estudo de caso, tendo em vista que os meus objetivos são caracterizados pela busca da compreensão de um fenômeno específico.

Segundo Gil (2008, p. 57- 58): “O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados”.

Deste modo, diante dos objetivos apresentados no decorrer deste texto, utilizou-se como instrumento de coleta de dados para chegar ao resultado esperado, a entrevista semiestruturada.

Para Triviños (1987, p. 146):

A entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador.

Sendo a entrevista semiestruturada um tipo de entrevista mais flexível, esta técnica possibilita que sejam exploradas outras questões que surjam no decorrer da coleta dos dados.

## 6.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Para esta pesquisa foram utilizados alguns critérios de inclusão e exclusão para a seleção dos participantes; fatores de inclusão: ser ou ter sido acadêmico da UFSM; possuir um parecer atestando-lhes oficialmente as características de pessoas com AH/SD em algum momento da vida ou apresentar característica de PAH/SD reconhecida por profissionais da educação e assinar o "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido" comprometendo-se a participar desta pesquisa, respondendo aos instrumentos de coleta de dados, questionário e entrevista.

Serviram como critérios de exclusão: que os participantes não tenham apresentado as características de inclusão previamente indicadas para participar da entrevista. Assim, foram selecionados dois estudantes que atenderam estes critérios.

## 6.3 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados de forma descritiva relacionando com a teoria que embasou a pesquisa.

De acordo com Triviños (1987, p. 161-162), “com efeito, a análise descritiva avançou na busca de sínteses coincidentes e divergentes de ideias, ou na expressão de concepções ‘neutras’, isto é, que não estejam especificadamente unidas a alguma teoria”.

A descrição dos dados da análise tem como objetivo identificar dados e referendar argumentos. Foi realizada a análise das narrativas a partir das entrevistas e por categorias temáticas, Vale ressaltar que a análise da narrativa foca no relato das vivências dos personagens, no caso os dois entrevistados.

## 6.4 ASPECTOS ÉTICOS

Os participantes da pesquisa foram previamente informados de seus direitos quanto ao sigilo das informações e quanto ao uso dos dados coletados. O entrevistado, voluntariamente, aceitou participar da pesquisa, assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), concordando com a realização da

mesma. No termo ficou registrado o caráter voluntário da participação e esclarecidas as questões éticas que embasam este estudo, assegurando a comunicação dos objetivos, o sigilo das informações e os aspectos éticos da pesquisa, sendo o mesmo assinado por todos os participantes; também foi utilizada nesta pesquisa a Ficha de Informações Pessoais (FIP) (APÊNDICE B) a qual tem como objetivo obter dados de identificação do participante e informações relevantes que contribuíram para a realização deste estudo.

## 7 ANÁLISE DOS DADOS

Para a realização desta pesquisa, foi feito um roteiro de perguntas com informações pessoais e uma entrevista com dois sujeitos adultos residentes no município de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul, que tiveram nomes fictícios para preservar suas identidades. As entrevistas foram gravadas e ocorreram de forma individual com os participantes, durante o segundo semestre de 2018.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram:

Sujeito 1: João, que tem 25 anos, é acadêmico de um curso de Licenciatura do Centro de Educação/UFSM; reside com sua companheira em Santa Maria. Quanto a sua família, sua mãe (in memoriam) possuía curso de Magistério e seu pai é Auditor e possui curso superior em Ciências contábeis.

Sujeito 2: Maria, que tem 29 anos, concluiu o Mestrado em Educação na UFSM, reside com seus pais em Santa Maria. Quanto a sua família, sua mãe é Cuidadora de idosos e possui o Ensino Fundamental incompleto; seu pai é motorista de ônibus e também possui o Ensino Fundamental incompleto.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, para a apresentação e discussão dos dados obtidos nas entrevistas, foram desenvolvidas cinco categorias de análise:

- a) conhecimento sobre as características e o processo de identificação das AH/SD;
- b) efeitos decorrentes do Processo de Identificação;
- c) envolvimento social (família) e acadêmico com a nova identidade;
- d) como lidar com o mito e a formação da identidade da Pessoa com AH/SD;
- e) projetos e atividades extracurriculares vinculada a área de interesse.

## 7.1 CONHECIMENTO SOBRE AS CARACTERÍSTICAS E O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DAS AH/SD

Nesta categoria buscou-se discutir sobre o processo de identificação, se tinham conhecimento sobre suas características de AH/SD e a realização deste processo de identificação.

Atualmente, para os participantes da pesquisa a identidade de PAH/SD ainda está sendo trabalhada com muito cuidado e algumas restrições, Maria relata que:

Antes eu duvidava muito, agora eu não tenho certeza (risos) mas, ainda não me considero. Não, eu acho que eu vejo que eu tenho muitas dificuldades em muitas coisas[...], [...]então, a visão que eu tinha não combina com a minha realidade e com o meu conhecer tão bem as minhas limitações[...], [...], quem foi identificado também não sabe o que que é preciso pra melhorar por que, as vezes é um susto como foi pra mim, e eu demorei muito tempo pra aceitar o parecer, daí fica difícil assim[...][...]entrou de novo o meu emocional de eu não conseguir lidar bem com as coisas[...]de ser mais tolerante.

Neste contexto, ter uma nova identidade parece ser desafiador e até mesmo temerário porque há uma busca por informações e respostas, que talvez na literatura sejam exíguas e não contemplem a ansiedade existente neste momento.

Pérez (2016, p.80) ressalta que:

O desenvolvimento da identidade da PAH/SD, ou talvez, possamos falar da consciência de sua identidade, é dificultado, em primeiro lugar por uma representação cultural ambivalente que a sociedade tem da PAH/SD, e que se constata pelo sentimento de amor e de ódio que as pessoas experimentam em relação a ela. Se, por um lado, as habilidades são valorizadas e, em alguns casos, supervalorizadas, como ocorre com aquelas pessoas que se destacam, nos diferentes campos do saber e do fazer; por outro, a própria diferença, que evidencia as PAH/SD como tais, coloca em risco a hegemonia da sociedade, a prevalência do ditado “somos todos iguais”, causando sentimentos de inveja e preconceito.

Para João considerar-se uma PAH/SD pode ser possível dependendo da auto aceitação e/ou autoconhecimento, como pode ser notado em seu relato:

Tenho me considerado sim, depois, antes não, antes eu antes de eu receber o indicador eu, mas agora sim, agora tá como é que eu posso te dizer, tirou a cortina assim até eu consigo compreender, foi bom pra mim[...], eu sempre fui uma pessoa que eu ia, eu ia pra, pro olhar documentário, eu queria me informar eu tenho, eu tenho gana por informação, por ... não de jornal de coisa assim por que sou um cara meio louco, mas de saber as coisas de querer ter conhecimento, eu acho que me ajudou sim, trabalhar principalmente a, esse sentido de que eu tava te dizendo assim de, a minha ansiedade de querer

que as coisas sejam tão perfeccionistas eu acho que nisso me ajudou muito sabe.

Para João e Maria, o processo de identificação surgiu por acaso na vida deles. João relata que sua companheira estava fazendo o curso de Educação Especial e falava muito sobre o assunto, e ela comentou e o convidou para participar de um projeto de Identificação de adultos na UFSM. E João descreve:

A gente acabava estudando muita coisa juntos até que surgiu a oportunidade de fazer a identificação com a [professora da Universidade] lá na, no projeto que agora eu não me lembro o nome do projeto, que ela tem de identificação né, e daí ali a gente foi, eu não, não, não sabia, não tinha noção do que que era né, tirando algumas coisas que a gente conversava assim sobre as teorias do Renzulli mas, era tudo muito teórico... não, eu nunca pensei que serviria pra mim né e daí indo com a [professora da Universidade], ela meio que... fez assim com a cortina sabe ela... clareou ela explicou e acho que a partir dali eu comecei a também entender um pouco.

É possível afirmar que a convivência e/ou o a troca de ideias, com pessoas próximas, sobre o assunto AH/SD, faz com que aos poucos a PAH/SD se mostre interessada, mesmo sem saber porque.

Para Maria: “[...] uma amiga que trabalhava comigo, naquele período, ela sugeriu que eu participasse da pesquisa de uma professora da UFSM, a professora [...], e daí eu disse que “tudo bem”, que eu iria [...]”.

O processo de identificação foi feito por meio de reuniões periódicas onde os participantes responderam a um Questionário de Identificação de Indicadores de Altas Habilidades/Superdotação-Adultos (QIIAH/SD-ADULTOS) publicado por (PÉREZ; FREITAS, 2016), e participaram de atividades desafiadoras, que são utilizadas nesse processo para verificação de determinadas áreas. Houve também o preenchimento do questionário por uma segunda fonte, conforme sugerido pelas autoras (PÉREZ; FREITAS, 2016), que vem para complementar as informações já relatadas pela pessoa que está sendo identificada.

Pelo posicionamento dos participantes da pesquisa, o Processo de Identificação em si foi considerado rápido, sendo que para João “[...] isso foi um projeto até meio rápido de, pra, pra identificar, mas foi algumas conversas que eu tive com ela lá no início que ... Ela foi explicando o que que era [...]”.

De acordo com Maria: “acho que demorou uns 4 ou 5 meses que eu vinha a cada 15 dias na UFSM e, respondia perguntas, fazia uns testes [...]”.

Como já foi citado, anteriormente, este trabalho está embasado nas teorias de Gardner (1994) e Renzulli (2014) que propõem “métodos de identificação qualitativos a partir de informações de várias fontes [...] evitando a subjetividade que pode afetar esse processo” (PÉREZ, 2008, p.34).

Mas as reações ao processo podem ser diferentes, sendo que Maria relata: “Eu fui pensando em pesquisa, pra ajudar numa questão de pesquisa, que fazia parte do projeto dela, mas sem expectativa nenhuma de ter identificação e sem acreditar que seria identificada com alguma coisa”.

Então pode-se notar que no seu relato, Maria não tinha conhecimento sobre AH/SD e não se entendia como PAH/SD, mas tinha sido notada por sua amiga que a convidou. A identificação está atrelada ao sujeito reconhecer em si as suas características. Para Pérez (2008, p. 122):

Outros fios que constituem a percepção de si mesmos são os sentimentos sobre as AH/SD, que se esgueiram permanentemente nos depoimentos, refletindo o alívio do reconhecimento e a angústia do não reconhecimento e que se acomodam na percepção do assincronismo pessoa-sociedade, fundamental para compreender se e como se constrói a identidade como PAH/SD e que os participantes tentem suavizar buscando o conforto na “normalidade”.

É necessário que as PAH/SD fortaleçam sua autoestima, produzindo uma proteção contra a desinformação, sem negar sua identidade.

## 7.2 EFEITOS DECORRENTES DO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO

Nesta categoria buscou-se entender quais foram os efeitos resultantes ao processo de identificação, sendo que para João o processo foi, num primeiro momento, assustador e aos poucos foi sendo esclarecedor:

como é que eu vou dizer um espanto, quando eu recebi a identificação ... quando eu recebi, eu primeiro eu não sabia o que pensar ... nunca né, assim já, já a medida que a gente foi estudando e foi fazendo o processo de identificação, algumas coisas foram ficando mais claras, por exemplo, principalmente a questão do comprometimento com a tarefa né, que pra mim era uma coisa que me doía muito[...]que... que eu tinha um comprometimento tão grande assim com as coisas que as vezes ficava, me, me sentia angustiado de não conseguir terminar ...sabe, alguma coisa que fugia do controle eu me sentia muito angustiado e queria resolver aquilo, e com a

identificação estas coisas assim eu consegui, tô... tô ainda eu não tô, tô trabalhando da melhor forma mas eu ... eu tô entendendo.

Maria descreve sua experiência como PAH/SD da seguinte maneira:

Eu demorei bastante pra acreditar, não que eu duvidasse da capacidade da professora mas, eu achava que não tinha nada a ver e, foi muito tempo achando que não tinha nada a ver; que eu nunca me vi diferente[...], não eu não tinha uma identificação e eu acho que mesmo nos encontros, onde a gente tinha acompanhamento, tinha eu e mais um rapaz, pra falar sobre isso eu ficava bem descrente, achava que não era isso, que não tinha nada a ver [...] e daí, nas reuniões com a professora lá eu falei que eu achava que eu tinha necessidade de voltar a fazer terapia, que já fazia muito tempo que eu não fazia; e daí na terapia também eu falo bastante dessas questões com a psicóloga e eu acho que acaba sendo ali com ela que eu comecei a amadurecer mais, comecei né, nem tô perto de tá madura pensando disso.

Para os participantes surgiu uma nova visão das suas próprias características onde, o que antes parecia estranho ou o que lhes inquietava, pode ter um novo entendimento.

Pérez (2008, p. 57) diz que: “Em muitos aspectos, o desenvolvimento da PAH/SD adulta não difere do dos demais adultos; contudo, existem características particulares que constituem diferenciais significativos e podem interferir nesse desenvolvimento do adulto”.

A identificação como PAH/SD fez com que os participantes pudessem “nomear” o que a tempos vinham sentindo e vivenciando. Contudo João continua sua narrativa relatando a questão da aceitação:

Mas depois tu começa a compreender né, começa a compreender que, que nem tudo é.... é daquela maneira que a gente enxerga, naquela perspectiva sabe, ah de gênio. E trazer pra um sentido mais real da ... da, da situação toda, então eu acho que veio... acho que a questão da identificação foi no início um pouquinho dolorosa mas, depois ela foi amenizando sabe. Mas tudo com.... com o jeito que a professora[...] levou foi importantíssimo sabe, ela tinha muita... muito conhecimento. Então aquilo eu consegui, eu consegui ficar à vontade, eu acho que era o principal né, eu consegui ficar à vontade. [...] daí eu me vi como um sujeito com uma nova identidade, mesmo né [...], [...] essa identidade ficou mais... ficou mais concreta pra mim assumir ela sabe ... porque era difícil antes sem muito conhecimento tu assumi.

Para João suas inquietações foram tomando uma proporção de menor intensidade, mas não acabaram. A identidade da pessoa adulta demora um tempo para que ela seja compreendida, para que ela se aceite como tal.

### 7.3 ENVOLVIMENTO SOCIAL (FAMILIA) E ACADÊMICO COM A NOVA IDENTIDADE

Nesta categoria buscou-se investigar a percepção da família e dos colegas com relação a nova identidade de PAH/SD, onde João refere que:

pro meu pai e minha mãe, e mesmo assim ainda, ainda eles por eles não conhecerem ainda acontece um ... não um preconceito mas um, uma falta de informação, eu acho que as pessoas ainda estão pouco informadas sobre ... o que que é de verdade[...], [...] a minha mãe ah... de sangue, eu acho que, vendo agora depois de bastante tempo, ela até percebia, ela sempre me incentivou [...], [...] o meu pai e minha madrasta, ela me ajuda assim, mas eles ajudam muito no financeiro..., eles também não entendem, então eles tem muito a cabeça fechada pra esse sentido assim, [...] eu acho que, mas eles sempre perceberam porque, eu sempre fui uma pessoa que, eu acho que eles não viam isso como altas habilidades, eles viam isso como, ah o João é diferente porque ele pinta, o João é diferente porque ele toca violão, porque ele gosta de tocar música, escutar outras coisas, ler outras coisas [...] eles não tem conhecimento de, do que que é né [...] eu não sei se aceitaram sabe ... acho que eles, não eu acho que eles tentaram compreenderam, mas não entenderam nada (risos). Eu acho que eles não entenderam muita coisa sabe, apoio deles assim por causa, por causa, eu acho que o apoio veio mais, veio mais de mim, pra mim tentar compreender a situação né, não deles, acho que deles pouco, pouquíssimo, quase nada, quase nada e poderiam ter me ajudado muito mais assim, mas eu também não reclamo.

A família, via de regra, é a primeira referência de uma pessoa com relação a convivência em grupo, e tudo o que é importante para a construção de uma imagem positiva e saudável onde, o reconhecimento da identidade de PAH/SD, por parte do grupo familiar é de extrema importância.

Para Paludo (2014, p. 63),

desde muito cedo a criança com ah/sd se reconhece como diferente, vivenciando, por vezes, sentimentos de dúvida, desespero, confusão, isolamento, decorrentes da percepção que os outros tem sobre ela; sua precocidade a faz, pela reação normalmente desencadeada nos outros, sentir-se como “anormal” e estranha. Este cenário é o principal contribuinte para a formação de uma autoimagem negativa e depreciativa, bem como um autoconceito negativo, que podem desencadear problemas sérios de ansiedade.

Algumas características são perceptíveis, porém, não são conhecidas, o que faz com que a PAH/SD seja rotulada desde a infância. Sobre isso, João continua seu relato:

nunca compreenderam muito sabe, não só isso mas tudo assim, de pensar diferente de ... acho que também eles acharam que estava sempre tudo bem , ah o João tira nota boa, o João isso e aquilo então tá tudo bem mas, tinha uma angustia dentro disso tudo que eles poderiam ter trabalhado, que teria me ajudado muito mais a entender sabe, a compreender e não de repente ... eu já tive cenas assim de tá desenhando, fazendo um desenho muito lindo e

coisa e o meu pai vir e rasgar o meu desenho; eu acho, acho isso uma coisa, uma das mágoas que eu tenho muito feia, ou tu ler um livro que, pra eles, é “proibido” um livro que não é da moral e dos bons costumes, um livro ser jogado no lixo, isso nunca ... nunca, isso são coisas que me marcaram e me magoaram mas, eu não sei se isso não me deu mais força pra mim ir atrás das coisas que eles estavam me proibindo também sabe.

Segundo o relato dos participantes é possível notar a falta de conhecimento da família com relação ao assunto AH/SD, o que dificultou a aceitação dos próprios sujeitos (João e Maria) ao receber o indicativo. De acordo com Costa (2016, p.194) “A família exerce papel fundamental na vida de uma pessoa com AH/SD, podendo auxiliar e motivar o desenvolvimento de muitas habilidades”.

Em geral o que acontece nas famílias é o desconhecimento de ter uma PAH/SD em seu convívio, e o senso comum é o de que pessoas inteligentes não precisam de auxílio na escola.

Para Maria o envolvimento da família se deu sem conhecimento de causa:

Eu sei que eu tive problemas na creche (risos), que teve reunião pra ver o que que iam fazer comigo, porque eu já sabia tudo o que eles estavam passando e daí queriam me passar de série, só que uma tia minha, que era diretora na Escola pra que eu iria depois, que era a de ensino fundamental junto com a creche, ela tava na reunião e ela disse que não concordava em avançar por causa do desenvolvimento emocional, ainda mais que eu sempre fui muito baixinha então, eu ia ser minúscula com turmas de mais velhos, então ela achou que não seria bom, que eu tinha que passar por outras fases do desenvolvimento que não eram só o acadêmico ... e daí a sugestão foi que me dessem trabalhinhos extras na escola pra eu não ficar incomodando [...]. Não, nunca nem falei nada, até porque eu não acreditava então, é uma coisa que eu ainda tô trabalhando e tento entender melhor mas, É porque eu sempre fui inteligente então acho que já ficou aquela coisa naturalizada ah ela tem facilidade e deu, não tem assim essa, acho que até por não ... Mesmo tendo tias que são professoras eu acho que, mesmo elas não têm esse conhecimento assim de que pode ser alguma outra coisa.

Em qualquer circunstância o apoio da família é importante, ressaltando que a palavra apoio, em sua concepção aqui significa, suporte, amparo, tudo o que a PAH/SD necessita neste momento de descoberta de uma nova identidade. Junto aos amigos e/ou colegas a aceitação e o apoio também são importantes; mas para Maria e João o melhor foi não contar a ninguém. Maria desabafa:

Não, nunca ninguém soube, eu nunca falei, então não teve mudança até porque, quando eu tava fazendo a identificação eu acho que eu já tava terminando as disciplinas e então eu tava num período muito mais de, só eu e meu orientador, não tinha mais tanto colega naquele período.

A negação ou camuflagem da identidade, pode ser um subterfugio importante e inteligente ocasionando uma certa tranquilidade. Quanto a isso, João relata:

Não, não, não ninguém eu ali na minha turma principalmente eu não, sabe eu não comentei com ninguém, nem com professor nem com ... eu fiquei ainda .... Eu fiquei pra mim e pra minha família no, agora que é uma coisa bem recente eu recebi o, o indicador foi semestre passado, ah mais, quase atrasado né, foi ali logo depois das férias então não, eu não tenho, porque eu não fiquei muito à vontade sabe, de novo, por causa do mito sabe, [...] mas daí pra que que eu ia me colocar uma cobrança assim que, que as pessoas ainda mesmo tando no curso de Educação Especial as pessoas também não, não tão ... inteiradas é, não tão inteiradas naquela função, não sabem que é ... daí fica meio difícil, daí de repente se tu vai mal numa prova as pessoas já começam a comentar e coisa e eu sempre fui um cara mais discreto então não, não quis falar nada.

Os sentimentos por vezes confusos, demonstram o comprometimento com seu ser, sua identidade ainda encoberta, a autoafirmação virá com o tempo como forma de conquista.

#### 7.4 COMO LIDAR COM O MITO E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DA PESSOA COM AH/SD

Nesta categoria buscou-se conhecer o entendimento a respeito das AH/SD e o que foi mudando quando se deram conta, que eles eram pessoas com AH/SD.

A identidade de PAH/SD, para os participantes, também esteve relacionada ao mito, ao bullying e a mudanças nos comportamentos, onde Maria relata que:

eu tinha uma visão bem diferente do que seria uma pessoa com altas habilidades [...] na minha vida profissional, mudou um pouco porque a amiga que me indicou ela teve uma certa quebra de ética e ela contou para pessoas que eu não queria que soubessem e daí tiveram algumas piadinhas, de ... ai tu sabe tudo então resolve não sei o que, e eu fico de cara com isso por que daí te sobrecarregam com coisas que não são tuas e era uma situação que eu tava recém aprendendo a lidar também, e daí vinha essa forma de piadinha, um bullying enrustido em piadinhas.

Sempre que surge o tema AH/SD, nos parece algo muito distante ou, talvez muito simples, por pensar que deve ser uma pessoa inteligente e só. Porém elas estão em nosso convívio, não são difíceis de encontrarmos, e esta reflexão parte de um conceito errôneo, uma desinformação.

Pérez (2003, p. 46) diz que:

Assim, um dos primeiros aspectos que devem ser aprofundados são os fatores que têm alicerçado a carência e/ou precariedade de atendimento, entre eles, os mitos e crenças populares, alguns decorrentes de características próprias das PAHs, outros, de preconceitos socioculturais e/ou ideológicos e até da própria desinformação sobre as AHs. Eles são fortes empecilhos para a formação de uma identidade própria das PAHs e contribuem para uma representação negativa ou, pelo menos distorcida destas pessoas.

O relato de Maria e a referência de Pérez vem ao encontro do relato de João que sempre teve o mito como uma questão muito próxima:

senão eu ficava muito naquela questão tipo de mito assim, ah que tu, alguém com altas habilidades/superdotação é alguma pessoa assim, assim que , que sabe aquela parada de filme mesmo, sabe que... muito Nerd, muito que não pode ter de repente defeitos em outras áreas e coisa, assim tem que ser[...]. É eu acho que é um pouco falta de conhecimento mesmo sabe, eu acho que eles de novo é a questão do tabu de achar que a pessoa é um gênio, isso e aquilo e, eu acho que isso que é a parte mais difícil, de esclarecer isso por que as a gente também tem muito erro, e normalmente os erros são vistos mais do que os acertos né!.

A falta de conhecimento das pessoas com relação a PAH/SD, fomenta esta situação onde, a formação da identidade, encontra-se ainda com esta visão equivocada, contribuindo assim para a não aceitação de sua nova identidade. Sobre isso, Pérez (2008, p. 85) afirma que:

Quando, assumir a identidade de PAH/SD implica negar a identidade de pessoa “normal”, “igual aos outros”, assumir-se diferente, ser a diferença, o “outro”, o “forasteiro”, o “estranho” (porque a sociedade considera como regra o “normal”, “a igualdade”), esse processo é muito doloroso já que o outro não contribui dialeticamente para a construção de si mesmo, mas é um parâmetro de exclusão.

O compromisso com a sociedade e seu sistema de conduta, exige de qualquer pessoa uma forma de agir e de pensar padronizados onde, o que é normal acaba por excluir qualquer tipo de desvio de comportamento ou pensamento contrário.

João então continua sua narrativa com relação ao processo:

porque é difícil tu, tu tem pra receber um parecer e.... eu acho, eu na minha opinião, eu acho o meu Parecer, meio que uma, mais uma pressão que eu tenho que assumir, mais uma identidade né [...], [...] daí aquilo que era um susto no início ... foi por exemplo assim depois um ... uma auto afirmação, sabe, assim... não de, de não de novo naquela coisa, de dizer ah é um gênio é um expert, mas de tu entender que certas coisas assim, por exemplo o comprometimento da tarefa poderiam vir, advinham dessa situação e eu poderia transformar isso, lidar isso de uma melhor maneira ou pelo menos compreender porque, que eu me sentia tão ansioso[...], [...] eu acho que tá me ajudando sabe, e depois eu acho que a identificação foi um passo

necessário que... ainda tá um pouco nebuloso assim a função toda sabe ... é, é, é um passinho de cada vez que eu, que eu tô dando ainda né, porque também no início, eu também fiquei um pouco mexido sabe, a questão de tu levar mais... botar mais uma roupa, uma roupa diferente assim é mais uma identidade que tu veste né, botar uma roupa nova no caso, usar a alegoria é, é, é ... tu começa a, a ... no início tu não te sente tão bem, mas, depois tu vai vendo que, que aquilo vai te ajudando a confrontar, principalmente a minha ansiedade de querer ter um comprometimento que as vezes o próprio sistema não contribui.

Os mitos são fatores que representam a construção da identidade de uma forma singular, no sentido de única, são as crenças em relação as PAH/SD que prejudicam a busca pela satisfação de suas necessidades e faz com que sejam discriminadas e não se aceitem como tal. Nesse sentido Maria diz que:

Depois de bastante tempo porque, daí eu fiquei com dúvida em algumas coisas e por um período bem curto eu participei do grupo de pesquisa da professora [...] daí ali teve a discussão de alguns artigos que me levaram a buscar mais também, pra tentar entender algumas coisas, principalmente na questão do emocional, porque eu acho que a minha tia lá no pré, teve muita certeza no que ela fez, por que realmente o meu desenvolvimento emocional não acompanha o resto, o acadêmico; daí então as vezes acabo tendo crises por causa disso, porque aí emocionalmente eu não entendo o que eu entendo com a razão, então eu tenho conflitos.

Em geral quando o aluno com AH/SD, não tem um bom desempenho na vida escolar, sua condição acaba sendo colocada em dúvida (PÉREZ, 2003) e a identificação faz com que a pessoa com AH/SD, cobre de si mesmo um desempenho sempre superior.

João relata sobre a aceitação e o que melhorou:

Ah com certeza, com certeza principalmente a questão da ansiedade, do comprometimento com a tarefa que era o que mais me machucava assim, de não conseguir terminar minhas coisas e achar que aquilo não prestava [...], [...], mas agora eu já cheguei a um, a um ponto que eu consigo controlar que eu penso não, perai que deve ter alguma coisa, até a olhar com outros olhos, não, não, não tanto... buscar o, é o perfeccionismo né, eu acho que o perfeccionismo as vezes também atrapalha tu querer fazer tudo direitinho [...], [...], muitas coisas as vezes tu acaba até desanimando, por tu não conseguir sabe, tentar fazer o teu melhor sabe, e acaba não indo acaba deixando e é isso que eu falo assim, que as vezes acham que uma pessoa com altas habilidades ela vai fazer tudo perfeito e coisa e não, realmente não vai porque tem todo um contexto por traz né, eu acho que, que isso que é o que tem que também ser levado em conta não de onde a pessoa veio, de onde é, quem é que tá com ela?.

A aceitação de PAH/SD, por si própria e pelo ambiente ao qual está inserida, fará toda a diferença no processo. Onde a construção sólida e a consciência desta

identidade por seus pares, trará um ambiente saudável de reconhecimento, aceitação e valorização dessas características diferenciadas (PÉREZ, 2008).

## 7.5 PROJETOS E ATIVIDADES EXTRACURRICULARES VINCULADAS À ÁREA DE INTERESSE

Nesta categoria buscou-se entender se os participantes realizam algum projeto ou atividade, pós o processo de identificação. Isso para os participantes parece algo distante, mas, que necessita de continuidade.

Maria comenta sobre isso: “Eu voltei a fazer psicoterapia, que fazia alguns anos que tinha parado e levei as questões da identificação para a terapia e tenho trabalhado elas até hoje, sem ainda ter aceitado cem por cento”.

Aceitar a condição de PAH/SD, pode num primeiro momento, parecer estar vinculada a transformação, aderir a um sistema que, talvez, não seja o ideal.

João diz que:

o sistema educacional falando agora né, ele não contribui pra ti... ele não é, ele não é... ele não tem enriquecimento, ele é muito tradicional ainda mesmo na faculdade, então eu vou por mim sabe, continuo lendo, lendo, lendo eu gosto ler de tudo assim, lá em cima estão os livros que eu tô lendo agora; então eu sempre fui uma pessoa que fui buscando meio que por mim sabe; e é isso, é não, sei, não tem. É extra UFSM, mas na UFSM não, até acho que eles pecam muito sabe, agora por exemplo eu, eu poderia, eu, eu, eu tenho uma visão que já tá, eu poderia sabe se eu pudesse avançar de semestre, por causa que aquele, aquilo tudo eu já tô assim por aqui... de estudar sabe, eu acho que ainda é muito tradicional aquilo dali, é a mesma... é a mesma coisa sempre eu acho que até alguns professores já tão cansados daquele sistema ali e na faculdade não era pra ser assim né, era pra ter pelo menos um... e tem só que é pouco divulgado às vezes tu, tu é no sábado sabe, se fosse de repente dia de semana, alguma outra coisa acho que eles poderiam aumentar forças, ia ser bom pra todo mundo né mas, infelizmente não, não....

Ao que se refere a PAH/SD, já identificada, deve haver uma continuidade, uma procura do sujeito para atividades de seu interesse, sejam vinculadas ao seu curso ou fora dele. Neste contexto Maria relata que:

Sim, tem um grupo de pesquisa que eu tô, que é de, pesquisa de intervenções em Autismo, que são com profissionais que trabalham na área, e eu também participo de um projeto no HUSM que são intervenções musicais no ambiente hospitalar para crianças que estão internadas na oncologia pediátrica e, daí a gente tem um grupo de pesquisa também, que é coordenado pela Terapia Ocupacional mas tem bastante pessoas externas assim.

Tudo o que vier para satisfazer as necessidades em buscar conhecimento e alcançar algum objetivo se torna relevante, nas palavras de João:

Por mim sim, por mim aqui João, eu sim com certeza. Eu, eu sou uma pessoa que sou curioso. É, eu sou curioso digamos que eu, eu, eu descobri aquilo dali, eu fui atrás na Internet, buscar isso buscar aquilo; tentar conversar também, tentei conversar com o meu primo eu tentei conversar com outras pessoas[...], [...]eu acho que devia ter mais enriquecimento, não só pra pessoa com altas habilidades, com indicação mas, pra todo mundo sabe, eu acho que o ensino tá meio ... desacreditado[...], [...]ter um enriquecimento curricular de outras formas, sei lá, grupos de xadrez, grupos de análise de livros de, tu tá na faculdade tu não tá te formando numa profissão tu tá se formando como ser humano né, tu tá te edificando então eu sempre, eu sempre penso que poderia ter mais né.

Muitas vezes a falta de interesse por parte do aluno, com relação as aulas e propostas de ensino, estão vinculadas a um currículo pobre e sem estímulo o que favorece a tendência a dispersão, falta de rendimento, desempenho e até mesmo evasão escolar.

João pontua em seu relato que:

quando na verdade poderia tá, tá ajudando essas outras pessoas também que, que também precisam de ajuda e que também poderiam contribuir muito com a faculdade, imagina muito, muito mesmo, sem contar que teria projetos para, não só para essas pessoas, pra todo mundo assim e ia ser, iria ser muito melhor mas, ainda tá muito precário eu vejo assim sabe, mas tem gente muito boa que estuda, que faz e a [...] mesmo, foi uma pessoa assim mas, eu digo nem todo mundo tem a sorte de achar as pessoas certas né, deve ter muita gente que poderia de repente tentar fazer a, a identificação e, só não faz por que de repente não chegou no ouvido dela né. Ou se chegou, chegou o tabu, o mito e ela não se identifica com o mito ou com o tabu ela vai se identificar com o que realmente é né, acho que é isso aí.

As PAH/SD em alguns casos se sentem desprotegidas e mesmo assim tendem a pensar na coletividade e como poderiam contribuir para que esta situação se modifique. A mesma frustração foi sentida no relato de Maria:

Eu me formei em música né, eu gostei bastante ele é um curso bem desafiador ãh ... dá bastante espaço pra estudar e se aperfeiçoar, e eu gostava disso mas, depois no mestrado assim eu fiquei bem frustrada porque eu tinha expectativas bem grandes e até porque era um sonho fazer, e daí eu vi que não era tão legal assim, que tinha muito mais coisas que atrapalham o mestrado; que não é só pesquisa, que eu achava que eu ia viver de pesquisa dois anos muito intensamente, e daí eu tive que me estressar [...], [...] além da identificação, precisa ter uma educação nesse sentido porque, eu acabei buscando por conta, por ter tido curiosidade [...], [...] eu acho que falta isso assim, não só identificar mas conseguir dar um suporte porque mesmo na literatura, tu vai buscar e não tem quase nada pra adulto, então se tu quer buscar tu não encontra e as pessoas não sabem o que te dá, porque fica aquela ... aquele

jogo né, não tem; a gente quer fazer pesquisas e quer desenvolver alguma coisa que melhore mas, quem foi identificado também não sabe o que que é preciso pra melhorar.

Pensar em como as PAH/SD podem receber o auxílio necessário, no meio acadêmico, de forma que não os exponha ou limite seu potencial, é desafiador e requer empenho haja visto que, como foi relatado pelos próprios participantes, há uma carência de literatura e estudos referentes às AH/SD; o que dificulta e atrasa o constructo de estratégias educacionais que favoreçam a PAH/SD, e a de concepção da sua identidade.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tal qual duna, monte de areia que se move sob a ação do vento, assim é a questão da identidade para a PAH/SD, que se move sob a ação dos mitos e entendimentos errôneos. Por meio deste trabalho, feito um grão de areia nesta duna, tento descortinar algumas questões que possam contribuir minimamente para auxiliar na vida dessas pessoas, cuja busca por respostas é constante.

Ao finalizar este trabalho de conclusão de curso que teve como objetivo geral compreender como ocorreu o processo de construção da identidade da pessoa adulta com altas habilidades/superdotação após sua identificação, busquei descrever, de uma forma simples e resumida, como se sente a pessoa identificada com Altas Habilidades/Superdotação, diante desse processo.

Posto que os dados analisados tiveram como norte o atendimento dos objetivos específicos: (i) descrever como ocorreu o processo de identificação das altas habilidades/superdotação; (ii) entender como a pessoa identificada com altas habilidades/superdotação reagiu frente ao processo, visto que é um processo delicado, minucioso que envolve a participação ativa da pessoa identificada; (iii) identificar os efeitos decorrentes da construção da identidade da pessoa com altas habilidades/superdotação e (iv) conhecer as mudanças ocorridas na sua vida social e acadêmica, após a identificação das altas habilidades/superdotação, pois a pessoa adulta muitas vezes demora para constituir a sua identidade; sabendo-se que muitos aceitam e/ou rejeitam até que possam entender a sua condição.

Assim, entendo que a construção de uma identidade é um processo lento e que para ser saudável, é necessário que haja algum tipo de apoio e/ou suporte. Para a PAH/SD se faz necessário um maior reconhecimento sobre a sua identidade, primeiramente, como indivíduo que tem uma identidade e, ela é singular. O aluno com AH/SD precisa de atendimento especializado, com mais suporte, mais literatura sobre o assunto pois, não basta identificar, é preciso, após o processo de identificação, muita orientação e continuidade no atendimento, com atividades enriquecedoras e frequentes.

Como contribuição, de maneira simples, porém objetiva busquei mostrar a construção de identidade baseada no conceito de Pérez (2003) e Paludo (2014) e sobre AH/SD de Renzulli (2014) e Gardner (1994), provocando uma reflexão nos acadêmicos e também na sociedade de um modo geral.

A limitação que pode ser apontada está no reduzido número de entrevistas realizadas, assim como, na falta de disponibilidade de local para desenvolvimento das mesmas; e, escassa literatura específica encontrada.

Para futuros estudos seria importante ampliar o número de entrevistas e buscar literatura disponível em base de dados internacional.

Foi muito significativo para mim, como pesquisadora, conhecer e entender como se sente a PAH/SD. Aprendi que a identidade de uma pessoa é construída desde a infância até a fase adulta, visto que não depende somente da própria pessoa ser isso ou aquilo, mas, também, como os demais a percebem. Aprendi também, que assumir-se como PAH/SD publicamente requer coragem e esforço para manter-se com essa identidade.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. 2.ed. São Paulo: EPU, 2001, p. 52.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008 p.1-15 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf> Acesso em 13 mai 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes gerais para o atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades/ superdotação e talentos**. Brasília: MEC/SEESP, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas**. Brasília: MEC, 2007.

BRASIL. Presidência da República. **LEI Nº 13.234, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2015**. Acesso em: 11/11/2018. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13234.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13234.htm)

BULHÕES, P. F. **O cinema e a história de vida representações de um estudante com altas habilidades/superdotação acerca da identidade resiliente**. 2016. 260f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2016.

COSTA, L. C. Comunicação Oral. **Altas Habilidades/Superdotação e Acadêmicos Idosos: o Direito a Identificação**. 2016. 246f. Universidade Federal de Santa Maria. (Programa de Pós-Graduação em Educação), RS, 2016.

FERREIRA, J. A. O. **Inclusão Escolar? O aluno com altas habilidades/superdotação em Escola ribeirinha na Amazônia-** 2018. 169f. Dissertação de Mestrado. (Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras – Unesp /Araraquara, 2018.

GAMA, Maria Clara Sodré S. **Educação de SUPERDOTADOS: teoria e prática**. São Paulo: EPU, 2006.

GARDNER, H. **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. SP: Atlas, Cap. 6, p. 57-58, 2008.

LÁZARO, V. O Superdotado e a Família. In: VI Seminário Nacional sobre Superdotados. Porto Alegre, 1981. In: SOUZA, V. S. **Altas Habilidades e**

**Superdotação:** Uma reflexão sobre o tema. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2013.

MINAYO, C. S; **Pesquisa Social: Teoria, Método E Criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. Cap. I, p. 21-22.

PALUDO, K. I. **Altas Habilidades/superdotação, Identidade e resiliência.** Curitiba: Juruá, p. 43-44, 2014.

PÉREZ, S. P. B. **Ser ou não ser, eis a questão:** o processo de construção da identidade na pessoa com altas habilidade/superdotação adulta. 2008. 230f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica. Porto Alegre, 2008, p. 80.

PÉREZ, Susana Pérez Barrera. Mitos e Crenças sobre as Pessoas com Altas Habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento. **Revista do Centro de Educação**, n.22, p. 01- 10, 2003.

PÉREZ, S. P. B. Altas Habilidades/ Superdotação: Uma Questão de Direitos Humanos. **Anais...** In: VII Encontro Nacional do ConBraSD. Bonito/MS, 8 a 10 de setembro de 2016, p. 18-21, 2016.

PÉREZ, S. P. B; FREITAS, S. N. **Manual de Identificação de Indicadores de Altas Habilidade/Superdotação.** Guarapuava: Apprehendere, 2016.

RENZULLI, J. S. The three-ring conception of giftedness: a developmental model for creative productivity. In: \_\_\_\_\_. REIS, S. M.; (Eds.). **The triad reader.** Mansfield Center, Connecticut: Creative Learning Press, 1986.

RENZULLI, J. S. **O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos?** Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. Educação. Tradução de Susana Graciela Pérez Barrera Pérez. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 1, p. 75 - 121, jan/abr. 2004.

RENZULLI, J. S. A concepção de superdotação no modelo dos três anéis: um modelo de desenvolvimento para a promoção da produtividade criativa. In: VIRGOLIM, Ângela R.; KONKIEWITZ C. Elisabete (org.) **Altas Habilidades/Superdotação, inteligência e criatividade:** uma visão multidisciplinar. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto Estadual 48.963, de 30 de março de 2012 - Política Estadual para PcD e PAH. **Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e com Altas Habilidades no Rio Grande do Sul.** FADERS-PALÁCIO PIRATINI. Porto Alegre, 30 de março de 2012.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Centro de Educação/ Departamento de Educação Especial/Laboratório de Pesquisa e Documentação (LAPEDOC). **Caderno de Educação Especial**, n. 2, v. 2, p. 104, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Coordenadoria de Ações Educacionais. **Regulamento Interno, Resolução n.030/2017**. Santa Maria, 2017.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –TCLE**

**Ministério da Educação  
Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação – Curso de Licenciatura em Educação Especial-Noturno**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título do projeto:** O ALUNO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E SUAS REFLEXÕES ACERCA DA SUA IDENTIDADE

**Pesquisador responsável:** Véra Lúcia de Almeida Barbosa

**Orientadora do Estudo:** Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tatiane Negrini

**Instituição/Departamento:** Curso de Licenciatura em Educação Especial/CE/UFSM

**Telefones para contato:** (55) 999422376

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

Qualquer pesquisa oferece riscos em maior ou menor grau. As perguntas da entrevista poderão remeter a fatos ou lembranças desconfortáveis, dessa forma, o(a) participante poderá optar por não responder a qualquer pergunta. A pesquisadora compromete-se em responder todas as dúvidas dos participantes.

Aos participantes desse estudo será totalmente assegurado a questão de ética, não serão mostrados seus dados particulares, nem serão julgados quanto às suas atitudes ou pensamentos. Se tiverem algum sentimento desconfortável durante as entrevistas poderão dialogar a fim de que compreendam o verdadeiro sentido da pesquisa, e suas dúvidas podem ser esclarecidas para o seu total entendimento.

Essa entrevista será realizada individualmente. Assim, cada responsável responderá as perguntas sem a presença do outro, para que possamos entender a realidade exata de cada âmbito familiar.

Poderá ser gravada, caso o participante aceitar.

---

#### Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “O aluno com altas habilidades/superdotação e suas reflexões acerca da sua identidade, como sujeito. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo. Eu discuti com a pesquisadora Véra Lúcia de A. Barbosa sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Local e data: \_\_\_\_\_

Nome e Assinatura: \_\_\_\_\_

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Santa Maria \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Véra Lúcia de Almeida Barbosa  
Pesquisador responsável

---

Profª Drª Tatiane Negrini  
Orientador do Estudo

## APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA



**Ministério da Educação  
Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação – Curso de Licenciatura em Educação Especial-Noturno**

### ENTREVISTA

#### Ficha de informações pessoais

Nome:

Idade:

Curso atual:

Semestre:

Local de Nascimento:

Estado civil:

Residência atual (cidade):

Mora com:

Número de irmãos mais novos:

Mais velhos:

Profissão da mãe:

Grau de instrução:

Profissão do pai:

Grau de instrução:

#### ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Comente sobre como foi o seu processo de identificação como pessoa com AH/SD.
2. Relate a sua reação ao processo de identificação das AH/SD.
3. Quais foram os efeitos decorrentes da sua identificação de PAH/SD? Ocorreram mudanças na sua vida social, acadêmica após sua identificação?

4. Houve alguma mudança no seu relacionamento com os colegas de curso após sua identificação? Eles souberam que você estava sendo identificado?
5. Relate sobre como sua família percebia seus comportamentos de AH/SD, desde a infância.
6. Houve alguma mudança por parte de sua família após a sua identificação de AH/SD? Eles sabem que você foi identificado?
7. Você sabe se há outras pessoas de sua família identificadas com AH/SD?
8. Você teve e/ou buscou algum tipo de apoio diferenciado após a identificação, na UFSM?
9. Você participa ou realiza alguma atividade/projeto/ação que suplemente sua formação?
10. A identificação fez com que você se entendesse melhor e/ou lidasse melhor com seus sentimentos?
11. Você se sente realizado com o curso que está fazendo? O que poderia qualificar o ensino superior para a pessoa com AH/SD?
12. A partir das suas características, você se considera uma PAH/SD?

## APÊNDICE C – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



**Ministério da Educação  
Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação – Curso de Licenciatura em Educação Especial-  
Noturno**

Título do projeto: O ALUNO ADULTO COM ALTA HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E SUAS REFLEXÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DA SUA IDENTIDADE

Professor responsável: Tatiane Negrini

Acadêmico responsável: Véra Lúcia de Almeida Barbosa

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria(UFSM)

Telefone para contato: (55) 999422376

Local da coleta de dados: UFSM

Os responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de entrevista na Universidade Federal de Santa Maria.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: UFSM, Avenida Roraima, 1000, prédio 16, Departamento de Educação Especial, sala 3243 A, CEP: 97105-970 - Santa Maria – RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da professora Tatiane Negrini. Após este período os dados serão destruídos.

Santa Maria, 19 de novembro de 2018

*Vera Lucia de A. Barbosa*

Assinatura do acadêmico responsável

*Tatiane Negrini*

Assinatura do professor responsável

